

NOVO LIBERALISMO E NEO ENSINO MÉDIO¹

Felipe Sant'ana Vargas ²

Luisa Matheus Avencourt ³

Leonardo Leite Jorge ⁴

Resumo: Questionar os horizontes éticos, estéticos e políticos dos modelos socioeconômicos e educacionais faz parte do ofício de uma Psicologia Social que se propõe crítica e inventiva. O Programa Novo Ensino Médio (PNEM) surge em um contexto de avanço do neoliberalismo da sociedade brasileira, avanço feito através também da educação de um país. No texto, o PNEM é apresentado e questionado, as autoras caracterizam o programa como uma expressão da neoliberalização da educação. Fazendo uso de narrativa ficcional, bem como do conceito de realismo capitalista e buscando discutir as bases epistemológicas, os processos de subjetivação que culminaram em tal reforma. Que autonomia e liberdade estão em jogo? Como é possível aumentar a quantidade de horas congelando os investimentos? A quem isso serve? O trabalho conclui que uma possível saída é o sonho, tão aplacado por esse dito realismo.

Palavras-Chave: Neoliberalismo. Educação. Subjetivação. Programa Novo Ensino Médio.

PRIMEIRO DIA

Ele acorda às 6h da manhã. Na realidade, visando narrar os fatos com enorme apego ao que tenha acontecido, o rapaz acordou diversas vezes durante a noite, mal dormiu. O nervosismo tomou conta de seu corpo durante a noite. Entretanto, ele mantém consigo uma esperança de que, quando vire professor, não sinta mais esse frio na barriga antes do primeiro dia. Afinal, é evidente para ele que alguém em tamanha posição de autoridade não deva sofrer de qualquer insegurança em relação a sua prática. O rapaz de 15 anos mantinha o celular que havia herdado do irmão longe da cama, visando se forçar a levantar para desligar aquela que uma vez teria sido sua música favorita. O celular desperta, ele levanta e desliga. Ele, já com os olhos abertos, olha para as telhas de sua casa, paralisado por aquele frio que percorre seu corpo, mesmo sabendo que serão os mesmos colegas, naquela mesma escola de Porto Alegre que estudou durante toda a sua vida. Vê se tem algum recado, alguma novidade no celular, nada. Ele levanta, está sozinho em casa, seu irmão e mãe já haviam saído, o trajeto até o centro demora cerca de uma hora e por isso eles saem cedo. Ele prepara seu café da manhã, leite com nescau, pão, presunto e queijo. Tira as cascas do pão e come. Já não tinha mais idade para ver desenho, assistia o que assistia toda a manhã após sua primeira refeição. Como

¹ Trabalho elaborado para a disciplina de Psicologia e Educação ministrada pela professora Dr.^a Vanessa Soares Maurente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Graduando em Psicologia na UFRGS, ORCID: 0000-0001-7912-7511, contato: felipe.vargas2402@gmail.com.

³ Graduando em Psicologia na UFRGS, ORCID: 0000-0002-7141-4011, contato: luisa.avencourt@ufrgs.br.

⁴ Graduando em Psicologia na UFRGS, ORCID: 0000-0002-4396-0023, contato: ljorge95@gmail.com.

todos os dias, abre o TikTok, visando algum divertimento depois de enfrentar certas tristezas da idade. Dancinha, política, humor, nada exatamente que lhe interessava, mas, por algum motivo, seguia sempre aquele mesmo ritual. A ‘for you’ hoje está chata, talvez sejam as horas mal-dormidas o deixaram de mau humor.

Começa a se vestir, escolhe sua melhor camiseta, a calça jeans que havia comprado durante as férias e o tênis. Sua mãe não entendia o que aquele tênis representava para ele, honestamente, nem ele. Só sabia que gostava bastante. Presente do seu irmão, foi o melhor presente que já recebeu. Olha o relógio do celular e percebe que ficou pronto 20 minutos antes do esperado. Como odeia presenciar esse tempo vazio característico de quando se está pronto para sair e tem ficar esperando dar o horário. Ele resolve ir a pé. Assim economiza e consegue comprar um salgado na banca da tia durante o intervalo. Chegando na escola, percebe a nova pintura na fachada. Vê sua antiga professora conversando com um futuro professor seu, não parecem estar felizes com o reencontro. Adentra a escola, pisa na madeira que fica no último pé da escada, ela faz aquele mesmo barulho, é a mesma de quando seu irmão estudava ali. A escola visivelmente tentava aparentar mais arrumada que durante o ano, as professoras costumam fazer algumas decorações para o início do ano letivo, o rapaz percebe a ausência daquele bebedouro quebrado, lê o aviso de que ele havia sido retirado para evitar disseminação de Covid na escola. Chega na sua nova sala, escolhe uma cadeira e uma mesa que não fique balançando por conta do desnível dos pés e espera. Ele cochila e é só ali que ele conseguirá dormir, aquela meia hora lhe revigorou mais do que as sete durante a noite. Acorda à medida que o burburinho de colegas se inicia. Tantos reencontros, mas ele só tem um amigo que anseia por encontrar, mas sabe também que ele não virá hoje, afinal, havia se infectado pelo “corona” e só virá à aula a partir da segunda semana de aula. O professor entra na sala, baixo, calvo e com as mãos grandes com unhas por fazer e em silêncio, em completo silêncio. Arruma cautelosamente seu material na mesa, todos presentes em um silêncio horripilante. Pega uma caneta, M-A-R-C-O-S, ele olha para a turma, fita cada fileira de mesas. Marcos se apresenta para todos, quietos, apreensivos, é professor de biologia. Diz que agora tudo será diferente, afinal, estão no ensino médio. Parece o mesmo papo de sempre de que agora não são mais as crianças da série anterior. O engraçado é que nunca puderam ser crianças. Na primeira série do fundamental, já não eram mais crianças como aquelas da pré-escola. No ensino médio, já não eram mais crianças como aquelas do fundamental. Era até cômico perceber isso. Entretanto, em meio aos silenciosos risos na cabeça do rapaz, percebe que talvez realmente não seja mesmo a mesma coisa, o professor havia começado a falar do

Novo Ensino Médio. O menino lembra que, certa vez, num intervalo de reality show, havia visto na TV uma menção a isso, lembra de ter ficado feliz com a possibilidade das escolhas. Mas não era essa a expressão de seu professor, que já estava contando sobre como a escola não tinha condições de ofertar mais disciplinas especiais, teriam apenas uma: seriam aulas online que teriam com uma grande empresa de pneus. Ele já havia passado por dois anos de ensino remoto e sabe que com ele isso não funciona. Em seguida, o professor encaminha a turma para o pátio, onde improvisaram um palco com uns pallets para que a diretoria falasse com todos os alunos juntos. Depois de conter o silêncio de tantas pessoas, a fala da diretora repete tudo o que o professor havia falado, mas dessa vez acrescenta uma informação aterrorizante, agora seriam sete horas de aula. Isso se torna ainda mais grave ao sabermos que o rapaz planejava estudar pela manhã e ser jovem-aprendiz em um banco durante a tarde, foi um baque. Ficou apreensivo em relação à reação de sua mãe, seu irmão começou a trabalhar com sua idade, assim que entrou no ensino médio. Lembra da família ficar melhor financeiramente depois disso. Lembra também da felicidade do irmão de comprar um novo celular e umas camisetas de marca. Ter seu próprio dinheiro. Aparentemente, na escola, só ele não sabia daquilo. Agora, chegaria em casa cerca de 16h. A diretora encerra. É hora do intervalo, todos retornam para a sala para pegar seus lanches, pois a escola não tem oferecido alimentação. O rapaz põe a mão no bolso, sorri. Ainda bem que veio a pé, do contrário, teria que esperar para comer até chegar em casa.

INTRODUÇÃO

O Programa Novo Ensino Médio (PNEM) previsto pela Lei nº 13.415/2017, originada da Medida Provisória 746/2016, é proposto como reforma que possibilita maior flexibilização dentro da grade curricular, o que tornaria o aluno um protagonista da sua educação. Segundo o discurso do Governo Michel Temer, a partir dessa reforma os estudantes de baixa renda fariam parte de escolas que os habilitariam a entrar no mercado de trabalho e a partir de seu esforço e de suas escolhas alcançariam a mobilidade social (OLIVEIRA, 2020).

Porém, o que tem sido abordado por pessoas que estudam as áreas de educação e políticas públicas é o PNEM como parte de uma política neoliberal que visa moldar o campo da educação perante as necessidades do mercado e da economia, e que, apesar do que é proposto pelo Governo Federal, preservaria os privilégios da elite e possivelmente agravaria a já gigantesca desigualdade social presente no Brasil. A partir deste pensamento neoliberal

temos a rápida e simplificada preparação de novos empreendedores de si para o mercado de trabalho.

Países ocidentais, como o Brasil, estão em maioria sob o regime do neoliberalismo ou têm suas relações muito influenciadas por ele. Este modelo de governo, apesar de possuir certas variações em cada país, apresenta condutas características, que se manifestam tanto nas políticas sócio-econômicas, quanto na própria influência no imaginário da sua população. Safatle, Silva e Dunker (2021) em seu livro “Neoliberalismo como gestão de sofrimento psíquico” coloca o neoliberalismo, justamente, em uma posição maior do que apenas uma teoria que explica o funcionamento da economia que propõe uma menor intervenção do Estado na economia, mas sim como aquele que a partir de um discurso carregado de pressupostos morais e psicológicos é um gestor do sofrimento psíquico, é um ditador da forma de se viver e também está presente em diversos setores do nosso cotidiano, inclusive no campo da educação.

Para avançarmos nas nossas críticas, faz-se necessário entendermos o que é neoliberalismo e como comumente inicia-se explicando e historicizando o que é liberalismo, seguiremos por esse caminho. Conforme Vera Spínola (2004), liberalismo trata-se de uma corrente filosófica que inicia suas bases teóricas com John Locke, defendendo uma liberdade para a burguesia europeia do século XVII. Uma liberdade usada para colonizar, escravizar e acumular capital. Essa será a forma do capitalismo até o início do século XX. Após a crise de 29, com o território europeu destruído pela guerra, percebe-se a necessidade da intervenção do estado, ocorrendo a ascensão do keynesianismo. Até que nos anos 70, especialmente com os governos de Thatcher e Reagan ocorre a disseminação do neoliberalismo, teorizado principalmente por Hayek e Mises. É na eleição do primeiro socialista marxista para presidente da república na América que ocorre no Chile, que vê-se como inevitável, para as potências capitalistas em meio a guerra fria, realizar um golpe militar retirando Allende, o primeiro socialista marxista a ser eleito democraticamente como presidente de república e chefe de estado na América e tornar Pinochet no lugar, implementando os ideais neoliberais. (QUIJANO, 2004). O Chile, por esse motivo, será conhecido como uma espécie de laboratório do neoliberalismo no mundo (SAFATLE, SILVA e DUNKER, 2021). Onde ocorreu privatização de empresas estatais, reforma da previdência, retirada de proteções ao capital estrangeiro, privatização da educação, desregulação do estado e a proteção da propriedade privada. Liberdade! Liberdade para extrair cada vez mais lucro do trabalho. Uma forma de renovar a dependência das colônias em relação às matrizes norte-americanas e

europeias. Mais tarde, Pinochet, responsável por torturar, matar e sumir com pessoas contrárias ao seu regime ditatorial, terá sua liberdade amplamente defendida por Thatcher, que não economizava elogios ao ditador, dizendo que era responsável por promover a democracia para o país.

É em um contexto de subjetivação e de práticas neoliberais que no Brasil a proposta de Novo Ensino Médio foi colocada em debate. Durante um período conturbado na política brasileira, quando após um golpe branco na então presidenta Dilma Rousseff, o vice-presidente Michel Temer assumiu a presidência da República. O processo de impeachment de Dilma, que foi marcado pelo oportunismo e que é um episódio de grande fragilidade na democracia brasileira, terminou em 31 de agosto de 2016 e no final de setembro do mesmo ano há a proposição por parte do Poder Executivo da medida provisória 746/2016. Há um imediatismo em se realizar os desejos daqueles que apoiaram a retirada de um governo de esquerda do poder e seguir com o planejamento da hegemonia neoliberal. O PNEM é estabelecido sem uma ampla discussão ou diálogo com a sociedade civil, colocando em pauta algo que não havia sido levantado ou proposto pelo partido político que foi democraticamente eleito para ocupar o poder executivo.

Antes de continuarmos, faremos uma breve contextualização de algumas das principais mudanças estabelecidas a partir da reforma do Ensino Médio levantadas por Oliveira (2020). Primeiramente, temos que ressaltar um aumento da carga horária do Ensino Médio que passa de 2400 para 3000 horas. De maneira progressiva também impõe que todas as escolas deverão tornar-se de tempo integral, apresentando 1400 horas anuais, o que corresponde a 7 horas diárias. A reforma também propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que acaba por homogeneizar a grade curricular comum das escolas. A BNCC “expressa o compromisso do Estado Brasileiro com a promoção de uma educação integral voltada ao acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno de todos os estudantes, com respeito às diferenças e enfrentamento à discriminação e ao preconceito” (Brasil, 2018, p. 5). Ela preconiza a construção de uma escola acolhedora, que tenha o objetivo de assegurar aos estudantes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, faculte-lhes definir seus projetos de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos (BNCC, p. 463). A BNCC propõe uma distinção fundante, bem como uma nova lógica sobre a qual o ensino médio deve se pautar. Os autores ressaltam aspectos como autonomia, protagonismo,

interdisciplinaridade e trabalho em equipe que passam a ser pontos relevantes a serem tratados nos cursos (CODES, et al., 2021).

Não são determinadas obrigatórias as disciplinas de Espanhol, Educação Física, Artes, Sociologia e Filosofia, sendo apenas dedicadas as últimas quatro, estudos e práticas obrigatórias, que estariam a cargo de uma interpretação da BNCC. As matérias consideradas obrigatórias durante os três anos são Matemática, Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Os componentes curriculares da BNCC não terão tempo superior a 1800 horas, sendo as outras 1200 horas do Ensino Médio dedicadas aos chamados itinerários formativos. Os itinerários formativos são o que representam a parte do protagonismo juvenil e da escolha do estudante, sendo divididos nestas cinco áreas: Linguagens e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências da Natureza e suas tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; Formação Técnica e Profissional. Este último itinerário, dá a possibilidade de contratar profissionais de notório saber ou profissionais graduados, desde que seja realizada uma complementação pedagógica, e também possibilita a parceria com instituições privadas. Para Mônica Ribeiro da Silva (2020), a flexibilização distancia a o ensino da ideia de educação de base. As orientações são consideradas pela autora como sedutoras, baseadas na ilusória oportunidade de escolha para jovens quanto aos itinerários formativos.

Este é um texto escrito a seis mãos que visa problematizar o quanto o PNEM é de fato um avanço na busca por uma melhor e mais inclusiva educação do país. Quando, na verdade, o que promove, é mais desigualdade. Faremos uso de além de críticas ao programa, críticas ao neoliberalismo, isso pois ambos os fenômenos na visão das pessoas que escrevem, estão muito próximos. Defenderemos, ao longo do trabalho, a ideia de que o PNEM é uma expressão da “neoliberalização” da educação. Para isso, trabalharemos primeiramente os aspectos que estão presentes em ambos campos, tanto no neoliberalismo quanto na educação planejada por tal programa. Depois, pensaremos o que e como é possível sustentar um programa tão dicotômico e cheio de contradições como única possibilidade.

NEOESCOLA

Quando falamos em educação no Brasil, temos que ter ciência de que estamos, conforme José Carlos Libâneo (2016), falando de uma educação que possui como referencial teórico orientações da UNESCO e do Banco Mundial. Não é preciso grande esforço para perceber o quanto o capital tem ditado o ritmo, a forma e a desgraça da vida cotidiana.

Entretanto, perceber que a educação, lugar onde despejamos tamanha esperança por um futuro melhor, está plenamente indissociável da política neoliberal que assola o país é entristecedor.

É com certo otimismo da vontade que, após perceber o tamanho do buraco que estamos, que nos motivamos a criar, batalhar e sonhar com a educação que desejamos. Certamente, isso se passa por notar o quanto essa realidade se parece com o pesadelo de uma educação com um horizonte de libertação. A visão de escola para as diretrizes da educação brasileira é uma escola produtora de mão de obra que ensina somente o mínimo para produzir e participar do jogo capitalista. Uma escola conteudista, que pouco se importa com justiça social mas que atende estratégias de manter certa competitividade em parâmetros de desenvolvimento, visando não a diminuição da desigualdade, mas sim atingir esses parâmetros apenas para tornar-se um país digno de investimento do capital externo. Ocorrendo uma individualização, exatamente como prega o modelo neoliberal. Inclusive de forma muito direta, quando Thatcher diz que não existe sociedade, apenas indivíduos. (THATCHER apud NETTO, 2012) Essa visão de mundo neoliberal, que evidentemente não se encerra no modelo socioeconômico, responsabiliza totalmente o aluno pelo fracasso, como uma empresa (Aluno S.A.) que está falindo. Sobretudo num país como o Brasil, que deixa a cargo da escola a escolha em manter aulas de filosofia ou não, minando a possibilidade de exercitar a capacidade de reflexão crítica de uma geração inteira. O Brasil possui escolas desprovidas de conteúdos culturais e densos, que reduz a possibilidades e oportunidades daquelas pessoas mais pobres de ascenderem no mundo cultural (LIBÂNEO, 2016). Essas metas de competências e transmissão de conteúdo da professora que detém o conhecimento para o aluno que é neutro e desprovido dele. Exatamente conforme critica Plutarco quando ressalta que o espírito não é como uma jarra que se enche. Paulo Freire, patrono da educação brasileira e um dos maiores nomes do ocidente no que se refere a educação é uma figura amplamente criticada pelos movimentos conservadores, também critica a visão de uma educação que nomeia de bancária, uma educação que vê o aluno como um banco, no qual o docente deposita seu conhecimento. Um grande acerto, pois além de trazer a ideia da metáfora do jarro, em um jogo de interpretação dupla, ressalta ao mesmo tempo que essa também é a melhor educação para manter o lucro de bancos. É esse projeto de educação que encabeça as propostas para o Novo Ensino Médio.

Salienta-se que já havia algumas problemáticas na educação brasileira que foram apontadas como fatores determinantes para implementação da reforma do Ensino Médio, segundo o então ministro da educação Mendonça Filho. Entre estes fatores está a alegação de

que o Ensino Médio não estava cumprindo com sua função prevista nas Leis de Diretrizes e bases da educação nacional (LDB) de aprofundar os conhecimentos prévios e formar jovens autônomos. Outra problemática levantada seria que o currículo extenso e com falta de flexibilidade do Ensino Médio não dialogava com os interesses dos jovens e nem com setor produtivo, o que lhe atribuiria falta de sentido. Associado a isto o currículo também não estava alinhado com os interesses do mercado e que então necessitaria de uma adaptação para preparar a população economicamente ativa para o mercado de trabalho. A desarticulação com o interesse dos jovens também é colocada como sendo a maior culpada pela evasão escolar. Por último, e talvez uma das maiores preocupações, seria a de adequar-se às recomendações do Banco Mundial e do Fundo das Nações Unidas para Infância – Unicef (OLIVEIRA, 2020).

Os pontos levantados pelo antigo ministro da educação deixam evidente a necessidade de enquadrar a educação às vontades do mercado, que necessita de sujeitos com um nível aceitável de conhecimento, este que seria apenas o básico necessário para preencher uma lista de competências e que possibilite que eles sejam produtivos e empregáveis. A alegação de que a educação brasileira não estaria cumprindo com a sua função é muito relevante, e realmente a nossa educação e nosso Ensino Médio necessitam de uma reformulação, mas uma que seja discutida com o corpo discente, pessoas que fazem estudos na área, professores e outros profissionais, que com certeza iriam conseguir contribuir positivamente com um novo projeto. Porém, este que foi estabelecido aponta o próprio currículo como sendo o grande vilão, responsável pelo abandono dos jovens de sua escolaridade, necessitando de algo novo para que o Brasil possa crescer e superar as suas desigualdades.

A flexibilidade proposta pelo PNEM, que visa adequar a escola aos interesses do mercado, propõe uma base curricular comum de apenas 1800 horas, o que precariza ainda mais o ensino com a diminuição do conteúdo comum, que agora se resumiria a conteúdos básicos de língua inglesa, língua portuguesa e matemática. A homogeneização do currículo proposta pela nova BNCC é um problema visto as diferenças de investimento presentes entre as escolas que conseguirão aplicar melhor ou pior esta base comum rígida dependendo da região brasileira em que está ou do quão periférico é a região da cidade em que se encontra. O mesmo aplica-se às outras 1200 horas referentes aos itinerários formativos. Enquanto uma escola particular poderá apresentar cinco opções de itinerários formativos, as públicas podem oferecer apenas um, que para que possa ser garantido deverá realizar uma parceria com instituições privadas de ensino a distância, desde que apresentem “notório reconhecimento”.

Segundo Oliveira (2020), uma consequência direta desta situação seria o fortalecimento da dinâmica social de uma escola como consumidora do mercado. Isto é um retrocesso frente às conquistas sociais alcançadas desde a redemocratização, conduzindo-nos a um Estado Mínimo, que permite a abertura para que o privado venha a tratar de direitos, como à educação, que deveriam ser garantidos pelo Estado.

O Brasil, assim como outros países periféricos, busca com esta reforma adaptar-se à agenda global estruturada para educação por organizações internacionais como o Banco Mundial e a Unicef, modelando assim os seus sistemas e instituições em um processo denominado de internacionalização. (LIBÂNEO, 2016). A escola estruturada por estas organizações é aquela que promove principalmente o alívio da pobreza, pois esta não é lucrativa para o capital, fazendo com que este perca possíveis consumidores e trabalhadores. O alívio é justamente o suficiente para que desigualdades sociais possam ser disfarçadas e ocultadas, mantendo e validando os privilégios da elite centralizadora de capital no Brasil. Como já foi levantado, esta educação é conteudista e repleta de apostilas, não tendo como foco central o desenvolvimento do pensamento crítico e o ensinamento de conhecimentos significativos para a realidade de quem estuda, fazendo com que a pessoa se implique no processo educativo. Além disso, o PNEM, que busca traçar o caminho da educação neoliberal proposto por organizações como o Banco Mundial, prevê um modelo de educação integral que não se converte em um desenvolvimento artístico, científico ou cultural, mas em gestar mão de obra. Além disso, o modelo integral de cara já levanta uma grande problemática monetária visto que muitas escolas do Brasil apresentam dificuldades de funcionamento com os recursos recebidos em 4 horas diárias, então com as 7 horas do modelo integral, para que não aumente mais ainda a precarização do ensino brasileiro, o investimento em educação deve aumentar. Porém, durante o próprio Governo Michel Temer foi proposta a Proposta de Emenda Parlamentar (PEC) 241, conhecida por PEC do teto de gastos, que promove o congelamento de gastos públicos, incluindo no setor da educação, por até 20 anos. Há o aumento de horas, mas o Estado não pode aumentar o investimento, o que ocorrerá?

Outro ponto levantado por Libâneo (2016) sobre a escola integral é que ela segue bem os desejos do Banco Mundial que é o de combate a pobreza, pois o integral permite que a escola torne-se um guarda chuva de várias outras funções sociais, sendo agora uma “cuidadora” e “protetora”, deixando difuso o objetivo de promover o conhecimento e fomentar o pensamento crítico. Porém fica o questionamento sobre o que será das pessoas que estudam e trabalham. Elas também serão cuidadas e protegidas pelo ensino integral? Pessoas

que já estão incluídas no mercado de trabalho e estudam à noite, ainda terão o seu direito de estudar garantido com o aumento da carga horária?

Design de pessoas

O neoliberalismo exerce um gerenciamento sobre os indivíduos inseridos neste modelo socioeconômico, sobretudo, utilizando-se de processos de intervenção social. Um importante mecanismo que atua dessa forma, seria o que o filósofo Vladimir Safatle chama em seu capítulo de abertura no livro “Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico”, de design psicológico. O funcionamento dessa ferramenta se dá com a instauração de um trabalho sutil e contínuo, que nos atravessa cotidianamente, a fim de criar empresas em nossos corpos e mentes. O engrandecimento generalizado de alguns moldes específicos ganha destaque dentro dessa estratégia, e estes acabam por disseminar um entendimento equivocado acerca de valores morais: onde a resistência a uma forma compatível com a qual a vida é descrita tal como uma empresa seja vista de forma ultrapassada e desprovida de moral, e quem se atreve a ir contra esta suposta verdade esteja se recusando a crescer, inclusive em um sentido de amadurecimento, e como diz o autor, pessoas assim estão, segundo o neoliberalismo, recusando-se a ser “o adulto na sala”. Esta maneira como as pessoas são desenhadas remete também ao documentário Tarja Branca (2014), o qual também dialoga bastante sobre o moldar do sujeito que somos submetidos desde a infância por este sistema. Na obra podemos concluir que a tendência é a ascensão de um fenômeno em que adultos estão se tornando cada vez mais incapazes de se colocarem em uma posição de brincadeira e que, de certa forma, faz com que a gente perca um pouco da nossa essência e, por consequência, da nossa liberdade.

Infelizmente estamos imergindo mais a fundo dentro de princípios empresariais que diária e sutilmente nos são apresentados. As áreas em que nossas vidas são afetadas por conta disto são muitas, nossa capacidade de vivenciar prazeres pulsionais e nos colocarmos em lugares de brincadeira, com certeza são aspectos atingidos e condicionados em detrimento deste projeto: a imposição de que o correto seja viver um dia após o outro, seguindo sempre uma mesma rotina massacrante, que foca de maneira principal em rentabilidade e produção. O ideal de empresa acaba, então, por se internalizar no nosso corpo, e se torna natural uma busca pela otimização do tempo a todo instante, de modo a aumentar constante e incansavelmente a nossa produtividade. Todo esse complexo sistema termina por criar uma nova organização social, e por consequência uma nova normalidade psicológica, já que o nosso corpo, segundo

o próprio autor, é bastante plástico frente a mudanças culturais e mais, nossos processos neurodesenvolvimentais acompanham os deslocamentos que a cultura sofre, nossos moduladores químicos e neurotransmissores também são alterados de acordo com diferentes situações sociais. Resumidamente, nossos processos mentais estão indiscutivelmente à mercê do discurso que nos é apresentado.

Neoliberalismo e os estudantes

Tratamos de como esses moldes e ideais empresariais ditam os modos de vida de nós adultos e não nos permitem o desvio da produtividade capitalista para que se possa experienciar a criatividade e o brincar. Porém, como foi dito anteriormente, nós somos orientados por este caminho desde a infância. Então como é pensado este Novo Ensino Médio por estes jovens que já internalizaram a ideologia neoliberal? Weinheimer e Wanderer (2021) abordam este tema em seu artigo, analisando enunciações dos discentes sobre o PNEM.

A parte empírica do artigo é realizada em uma instituição de ensino público estadual de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre em 2017. Foram entregues para os estudantes do Ensino Médio um questionário impresso com cinco questões dissertativas que abordavam tanto sobre a função do Ensino Médio e pensamento sobre o ensino técnico e profissionalizante, quanto sobre especificidades do PNEM. Algo que as autoras levantaram que apareceu de forma recorrente foi o tema do mercado de trabalho. A escola segundo esses jovens teria a função de prepará-los para o mercado de trabalho e a formação técnica do PNEM ajudaria futuramente em sua vida adulta para conseguir esta inserção. Podemos perceber que a preocupação levantada pelos estudantes com o seu futuro profissional alinha-se bem com esta “nova” proposta de ensino que apenas busca corresponder a certos requisitos e competências para que já saiam suficientemente aptos para trabalhar, deixando assim mais curto este futuro caminho.

Outro ponto percebido no artigo e é essencial na ideologia capitalista é a competitividade. Imaginar-se como empresário de si mesmo provoca a busca por um aprimoramento e de sempre ser a melhor versão de si. Neste trecho podemos perceber bem essa perspectiva: “Descreva o que você pensa sobre o Ensino Médio ter como foco a formação técnica e profissionalizante.” “Acho interessante, pois iria ajudar muitos jovens que precisam e que cada um irá ter um futuro melhor, aquele que se esforçar”. “Acho bom, porque quem realmente se interessar vai ter melhores resultados quando fizer uma faculdade ou algo do tipo” (WEINHEIMER e WANDERER, 2021). O que podemos perceber bem vigente é o

individualismo, onde cada um é o único responsável por seu sucesso ou por seu fracasso. Este é o motivo pelo qual perseguimos cada vez mais qualificações e diplomas, para mostrar que merecemos. É como se os diversos outros fatores que atravessam a nossa sociedade não tivessem relevância frente ao mérito, por isso, a ideia de homogeneizar a educação com a BNCC, no papel, propõe uma ideia de mais igualdade e justiça no ensino, mas na prática não é muito difícil perceber que irá agravar as disparidades. Além disso, esta base curricular comum de apenas 1800 horas promove, junto com a precarização do conhecimento, uma menor convivência geral entre alunos de diferentes itinerários, o que também contribuirá com uma maior compartimentalização e afastamentos sociais entre discentes.

Por fim, o que os alunos salientam e o que é utilizado como carro chefe da campanha publicitária do PNEM é a ideia de que o projeto dialoga com os interesses dos jovens e que dá a eles a oportunidade de escolher o seu futuro. A reforma é vista pelos discentes entrevistados no artigo como algo urgente e benéfico para eles, o que é extremamente contundente em uma sociedade que exige que eles estejam prontos o mais rápido possível para produzir e competir. O neoliberalismo não promove o pensamento crítico dos jovens porque para ele existir é necessária a despolitização e fazer com que a sociedade incorpore-se à racionalidade econômica (SAFATLE, SILVA e DUNKER, 2021). A reforma é uma expressão da hegemonia neoliberal e o Estado e outras instituições auxiliam a universalizar cada vez mais este modelo que já está introjetado em nossos corpos e mentes.

Realismo capitalista

No capítulo de abertura do presente artigo, propusemos iniciar com o uso de uma ficção, apostando na potência do campo da experiência de produzir um novo encontro com o mundo. No artigo “O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social”, Luis Artur Costa (2014) propõe articulações, bem como a construção de objetos, em qualquer especialidade dita científica, que não descartem elementos da experiência. Rotineiramente os mesmos são considerados “incertos” para fazerem parte da constituição do campo de pesquisa e/ou intervenção: sensações, afetos, experiências singulares, possibilidades nebulosas, tensões incoerentes, etc. No entanto, toda essa nuvem virtual de sutilezas é parte fundamental de nossa articulação mundana, dando concretude aos nossos encontros com o mundo”. Articulado a essa questão imaginativa, um importante pilar da reflexão acerca do neoliberalismo, da educação e do novo ensino médio, é o livro “Realismo Capitalista” (2009/2020). Um livro que aborda como o capitalismo colonizou tanto nossos corpos quanto a

nossa imaginação, uma vez que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”. Visando inclusive poder pensar possíveis respostas sobre o porque aceita-se essa reforma sem grande resistência. Vemos no livro também uma possível resposta a individualização. O filósofo Mark Fisher elabora no livro como o neoliberalismo se coloca não como a melhor alternativa, mas como a única. Novamente trazendo Thatcher: “There’s no alternative.” Realismo capitalista é um conceito que surge como uma ironia, pois quando se propõe uma mudança, rapidamente o capitalismo, tomando o corpo através da fala de alguém subjetivado por ele, responde: “Não tem como, estou sendo realista!”. “Não vale a pena fazer greve, o jogo está perdido.” Um senso comum de que não apenas o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, mas também o mais natural, que agora é impossível até mesmo imaginar uma alternativa coerente a ele. A tese de Fukuyama do fim da história após o declínio da URSS como um exemplo perfeito de como nossa imaginação foi privatizada. Para Fisher, em alguma medida, somos todos fukuyamas hoje. Presenciamos um capitalismo que não esconde mais suas contradições, elas estão na superfície. Inclusive temos produções da Netflix, uma das maiores empresas do mundo do streaming, criticando o capitalismo, porque não o amedronta mais, pelo contrário, enche o coração daquele que tem uma pulsão anticapitalista. Finalmente, o livro nos causa a impressão de que através da organização da classe trabalhadora, da sustentação do caráter coletivo da vida que poderemos sonhar com uma possível saída para esse modo de vida.

CONCLUSÕES

Habitamos durante a execução desse texto uma posição de profissionais da Psicologia que se negam a propor uma saúde individualizada, visando fingir/simular a atuação de profissionais críticos que se recusam a adotar o modo neoliberal de fazer psicologia, como uma pílula que você toma e consegue ser feliz dentro de uma sociedade em que crianças passam fome. Buscamos pensar as políticas públicas que estamos defendendo e projetos educacionais, enquanto cidadãos de um país, universitários e futuros profissionais da saúde. Foi através da crítica ao neoliberalismo, sobretudo quando esse modo de viver toma corpo dentro da educação de um país que observamos um espaço de pensar a educação e sonhar com uma que, livre do mercado e da lógica empresarial, consiga ser libertadora. Ressaltamos que embora tenhamos partido da reforma do Ensino Médio, tratamos e acreditamos fazer parte muito mais de um sintoma desse modo de vida adoecedor que está sendo tomado como única saída possível. É preciso coletivizar nossas críticas, nossas questões não são individuais.

Ser o oposto de Thatcher: o indivíduo não existe e existe alternativa. É preciso sonhar com o fim do capitalismo.

REFERÊNCIAS

CODES, Ana Luiza Machado de; FONSECA, Sérgio; Araújo, Herton. ENSINO MÉDIO: CONTEXTO E REFORMA. AFINAL, DO QUE SE TRATA?. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2021.

COSTA, L. A.. O corpo das nuvens: ousos da ficção na Psicologia Social. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, n. spe, p. 551–576, 2014.

FISHER, Mark. Realismo Capitalista ou é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?. 1. ed. Autonomia Literária. Trad: Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira. 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de Pesquisa**, v.46 n.159 p.38-62. jan./mar. 2016.

NETTO, José Paulo. Crise do capital e consequências societárias. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 111, p. 413-429, jul./set. 2012.

QUIJANO, A. Allende outra vez: no limiar de um novo período histórico. **Lutas Sociais**, [S. l.], n. 11/12, p. 128–135, 2004. DOI: 10.23925/ls.v0i11/12.18706. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18706>. Acesso em: 4 fev. 2023.

RAMON, Oliveira. A Reforma do Ensino Médio como expressão da nova hegemonia neoliberal. **Revista Educação Unisinos**, v. 24. 2020.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; Dunker, Christian (orgs). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. 1.ed; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SILVA, Mônica Ribeiro da. O Ensino Médio e o direito à Educação – obrigatório para quem? SciELO em Perspectiva: **Humanas**, 2020. Disponível em: . Acesso 06 fev. 2023.

SPÍNOLA, Vera. NEOLIBERALISMO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ORIGEM E HISTÓRIA DE UM PENSAMENTO ÚNICO. RDE. **Revista Desenvolvimento Econômico**. Ano VI • Nº 9 • Janeiro de 2004 • Salvador, Bahia.

TARJA Branca. Direção: Cacau Rhoden. Produção: Juliana Borges. Brasil: 2014. (80 min.).

WEINHEIMER, Gicele; WANDERER, Fernanda. O (novo) Ensino Médio na visão dos alunos: rastros da racionalidade neoliberal. **Revista Práxis Educacional**, v. 17 n. 48. 2021.

Artigo recebido em 04/02/2023.

Aprovado em 25/02/2024.